

MEMÓRIA E IMIGRAÇÃO : a trajetória de José Bento Silvares no estado de São Paulo

Wanderson Silva
Bonifácio Junior

Mestrando em História Social
pela Universidade do Estado
do Rio de Janeiro.

Recebido: 20/05/2022
Aprovado: 28/06/2022

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de expor um estudo da imigração portuguesa a partir da biografia de José Bento Silvares, imigrante português que chegou ao Brasil em 1927. Além disso, procuramos promover uma exposição sobre o uso das biografias e o conceito de memória, para o estudo das migrações. Ainda neste trabalho, fizemos a exposição da trajetória, relacionando-a ao seu contexto cruzando a fonte com bibliografia, discutindo a saída de seu local de origem, o enraizamento em terras brasileiras e as estratégias de e(i)migração.

PALAVRAS-CHAVE

Biografia; Memória; Imigração Portuguesa.

Introdução

A escrita biográfica está presente na produção histórica desde a antiguidade, tanto o modelo romano de biografias, quanto as hagiografias tinham o objetivo de servir de modelo de comportamento, inspirar os homens. No caso das biografias romanas, ela servia como inspiração para a vida política, por outro lado, as hagiografias que narravam a vida dos santos católicos serviam para inspirar a conduta religiosa. Esses modelos foram incorporados pelos intelectuais renascentistas, entretanto, novos personagens biografados ganharam a atenção, não só reis e santos eram alçados a personagens dignos de serem eternizados pela escrita, mas mulheres, artistas e indivíduos de outras culturas¹.

No período moderno, as biografias continham duas características marcantes, a primeira é ressaltar as qualidades individuais, singulares do herói. O segundo movimento é atrelar a figura do herói como encarnação de uma coletividade social, isto é, colocar um indivíduo como expressão da nação ou até da humanidade. Apesar de no século XVIII haver a permanência de valores como o foco na individualidade e o caráter de pôr a vida do biografado como um tipo-ideal de conduta, este mesmo século trouxe novidades ao gênero biográfico, a figura do herói foi substituída pelo grande homem, cujo valor estava na auto-sacrifício, seja ela para a pátria ou pela humanidade².

No século XIX, é o período em que se consolida a posição da História como uma disciplina praticada por especialistas, dotados de métodos e técnicas de investigação³. Ao mesmo tempo é o período em que o individualismo burguês foi consolidado, logo biografias e autobiografias tiveram grande circulação, porém, a referenciada circulação ocorreu no meio literário, porque a historiografia influenciada pelo positivismo e marxismo deram pouca ênfase ao modelo biográfico, tendo em vista suas filosofias da história⁴.

Na década de 60, a escrita biográfica nas ciências humanas perdeu espaço com a ideia da crise de subjetividade, isto quer dizer que com a popularidade do paradigma estruturalista em diversas áreas das ciências humanas, a subjetividade foi ignorada em prol de uma postura totalizante onde o sujeito não tinha vez. Neste sentido, o paradigma estruturalista que dominou as ciências humanas na década de 60, caracterizou a “morte do sujeito”⁵.

Se na década de 60 tivemos o auge do paradigma estruturalista que colocou em crise a noção de subjetividade, na década posterior, houve um movimento contrário nas ciências sociais, o paradigma estruturalista foi questionado e o sujeito “ressuscitado”. Esse movimento foi chamado de guinada subjetiva, momento em que as ciências sociais inspiradas nos métodos etnográficos deslocou o enfoque

1 Benito Bisso Schmidt. “História e biografia”. In: Ciro Flamarion Cardoso; Ronaldo Vainfas (orgs.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. Cf. p.188.

2 *Ibidem*, p.189.

3 Marcia de Almeida Gonçalves “A morte e a morte da biografia”., Rodrigo Perez Oliveira; , Daniel Pinha Silva. (Org.). *Tempos de crise; ensaios de história política*. 1ed.Rio de Janeiro: Autografia, 2020, v. 1, p. 52.

4 Benito Bisso Schmidt Op. Cit., p.190.

5 Beatriz Sarlo. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.31.

para as estratégias cotidianas (as mulheres acusadas de bruxaria, o campesinato e o excepcional). O objetivo era pensar em como esses sujeitos transgrediam as normas sociais, apondo-se a perspectiva das categorias estáticas como “o camponês”, “o trabalhador”⁶. Este momento nas ciências sociais garantiu uma posição importante para as identidades do sujeito, a escrita biográfica voltou a ter papel importante, desta maneira, a História oral tornou-se uma metodologia valorizada junto as fontes testemunhais, fazendo com que os estudos acerca da memória ganhassem pujança⁷.

No campo dos estudos de memória, as trajetórias pessoais estão frequentemente presentes, contudo, não existe uma demarcação muito clara se as trajetórias pessoais são ou não são uma biografia. No presente trabalho, partimos do pressuposto que o trabalho com trajetórias pessoais são trabalhos biográficos, influenciados pelas posições de Avelar e Schmidt, a negação de declarar-se estar fazendo um trabalho biográfico é oriunda de uma ambição totalizante que precisa ser superada, portanto, a fronteira entre biografias e trajetórias pessoais devem ser diluídas⁸, tendo em vista que os historiadores estão atentos ao problemas da biografia como nos alerta Pierre Bourdieu em “A Ilusão Biográfica”⁹.

Para pensar o conceito de memória nos apropriaremos das contribuições de Joel Candau e Michael Pollak. Candau nos apresenta uma tipologia da memória, para ele existem três tipos diferentes de memórias: a protomemória, memória propriamente dita, e metamemória¹⁰.

A protomemória :

*Esta, tal como o “protopensamento”, não pode ser destacada da atividade em curso e de circunstâncias, o antropólogo deve privilegiar essa modalidade de memória, pois é nela que enquadramos aquilo que, no âmbito do indivíduo, constitui os saberes e as experiências mais resistentes e mais bem compartilhadas pelos membros de uma sociedade*¹¹.

A memória propriamente definida é :

*essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento: evocações deliberadas ou invocações involuntárias de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos etc.). A memória de alto nível, feita igualmente de esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral da expansão da memória*¹².

6 Ibidem, p.33.

7 Ibidem, p.29.

8 Alexandre Avelar; Benito Bisso Schmidt. Dois historiadores falam sobre biografia e escrita biográfica (Entrevista). Entrevista concedida a Bruno Leal Pastor de Carvalho. In: Café História – história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/biografia-e-escrita-biografica/>. Publicado em: 21 nov. 2017. Acesso: 12 de jul. de 2021.

9 Pierre Bourdieu. “A Ilusão Biográfica” In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

10 Joel Candau. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2014, p.22

11 Ibidem. p, 23.

12 Ibidem.

Por fim, a metamemória :

é a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao modo de afiliação de um indivíduo ao seu passado e igualmente, (...) a construção explícita da identidade. A metamemória é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva¹³.

A memória propriamente dita e a protomemória são dependentes da faculdade da memória e a metamemória é uma representação relativa a esta faculdade. Ao fazer uso desta tipologia, alguns cuidados devem ser tomados sob o ponto de vista teórico-metodológico, já que esses conceitos só são válidos para estudos de indivíduos, mais especificamente, as memórias individuais. Para pensar grupos, deve-se usar a memória propriamente dita ou a metamemória, pelo fato de não ser possível um grupo social ter uma memória culturalmente determinada e socialmente organizada, essas memórias são individuais, na qual muitos ou poucos indivíduos carregam essa memória.

Pollak ao discutir o conceito de memória também fornece contribuições de caráter teórico-metodológico, porém, a natureza dessas contribuições é diferente das citadas no parágrafo anterior. Em “Memória e identidade social” não existe a criação de uma tipologia da memória, mas há uma exposição dos elementos constitutivos da memória. Precisamente, temos três elementos constitutivos, seja ela – a memória – individual ou coletiva. O primeiro são os acontecimentos vividos pessoalmente, o segundo, os acontecimentos “vividos por tabela” e o terceiro elemento são as pessoas e personagens¹⁴.

Acontecimentos vividos pessoalmente, são as memórias da vida desta pessoa. Os acontecimentos vividos por tabela são memórias vividas pelo coletivo ou grupo que ela se filia ou pertence, e que não necessariamente ela viveu, mas o acontecimento foi internalizado na memória do indivíduo, logo, não é possível saber se vivenciou a memória ou apenas projetou para si este acontecimento, inclusive, podemos falar de memórias herdadas, as memórias podem ecoar em algumas gerações com alto grau de identificação.

O terceiro elemento, pessoas e personagens, podem ser pessoas que realmente foram encontradas durante a sua vida, assim como pode ser por “tabela”, pessoas que indiretamente viraram praticamente “conhecidas” e se tornaram parte da memória de alguém. As memórias podem tanto ser baseadas em pessoas e acontecimentos, vividos por ela, em uma narrativa comprovadamente concreta via crítica interna e externa da fonte, como também pode haver projeções de outros eventos, que acabam sendo incorporadas a sua narrativa.

13 Ibidem.

14 Michael Pollak. Memória e identidade social. Estudos Históricos, v. 5, n. 10, 1992.

A Trajetória

José Bento Silveiras, nascido em Trás-os-Montes, em 1916, chegou ao Brasil em 1927, ainda menino, tentou fazer a América em São Paulo, carregando em seus ombros o sonho da família de superar as dificuldades financeiras presentes em Portugal¹⁵.

Nascido em Trás-os-Montes, região Norte de Portugal, marcada por um forte movimento emigratório para o Brasil, quando criança, era um rapaz que nada tinha de especial em relação as outras, de sua humilde aldeia. Estudou até o primário, ajudava os pais em seus trabalhos, seja trabalhando nas tarefas de casa com sua mãe ou ajudando seu pai que exercia a função de pedreiro.

Sua infância prosseguia durante o recorte temporal após a Primeira Guerra Mundial, momento de fragilidade econômica europeia devida à guerra. Em Portugal, não foi diferente, com a economia europeia dando poucos sinais de pujança, a família de José Bento Silveiras averiguou que haveria mais esperanças de prosperar se mandassem seu primogênito para o Brasil. Portanto, sua família solicitou uma carta de chamada a um ex-cunhado que morava no Brasil, para facilitar a emigração do menino¹⁶.

A Primeira República portuguesa, assumiu como desafio ao substituir a monarquia o papel de equilibrar as finanças públicas, contudo na década de 1920, tal objetivo não foi alcançado, logo, as finanças passaram por um grande desequilíbrio econômico:

*A balança de pagamentos registava dificuldades, porque os movimentos de capitais eram muito erráticos, em virtude da grande volatilidade internacional. À paralisia do investimento estrangeiro juntou-se a fuga de capitais e a paralisia das remessas de emigrantes (sobretudo para o Brasil)*¹⁷.

Em relação a produção industrial, Portugal não seguiu pelo caminho das grandes mudanças tecnológicas, como outros vencedores europeus da Primeira Guerra Mundial e os Estados Unidos, que investiram em novas tecnologias e na recuperação industrial¹⁸. Portugal decidiu seguir por outro caminho, pensaram em melhorar as receitas públicas à custa de empresas públicas e do

15 Depoimento de José Bento Silveiras para Sônia Maria de Freitas. São Paulo. 2003. Acervo: Biblioteca online do Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

16 As cartas de chamada eram correspondências de imigrantes para os familiares que permaneciam no seu país de origem, motivavam novos emigrantes e facilitavam a entrada destes no Brasil, funcionando como documentos burocráticos. Cf. Frederico Croci. O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil. Revista Locus, v. 14, n. 2, jul./dez.

17 Maria Eugénia Marques. “A política financeira”. In: História da Primeira República Portuguesa, [coord.] Fernando Rosas, Tinta da China, 2009, p. 198.

18 Apesar da participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial ser pouco conhecida, Portugal atuou e saiu como um dos vencedores, tendo direito a reparações de Guerra que deveriam ser pagas pelas nações perdedoras. Para saber mais, Cf. Isabel Pestana Marques. “A memória da guerra”. In: História da Primeira República Portuguesa, [coord.] com Fernando Rosas, Tinta da China, 2009.

desenvolvimento de um setor empresarial do Estado, no entanto, a iniciativa foi abandonada devido ao fracasso deste empreendimento. Ademais, esperava-se ainda as compensações por suas perdas na Primeira Guerra Mundial¹⁹, mas os valores que deveriam ser pagos pelos derrotados não foram completamente recebidos, pelas dificuldades financeiras que os derrotados se encontravam depois da guerra.

As consequências da soma das condições descritas acima, se traduziram em ter os preços praticamente triplicados entre 1914 e 1919, até 1924 os valores tinham se multiplicado por 8, ocasionando uma grande perda de poder de compra e por conseguinte a desvalorização da unidade monetária portuguesa interna e externa. A taxa de câmbio, que era estável até antes da guerra, desceu o dobro durante a guerra, no momento posterior, a taxa despencou para valores que ultrapassavam 20 vezes a aqueles que existam antes da guerra, tornando mais difícil a realização de transações em moedas estrangeiras²⁰.

O déficit público cresceu para cerca de dez por cento do PIB, para resolver o problema do déficit público, o governo português pegou empréstimos junto ao Banco de Portugal, os empréstimos correspondiam ao aumento da emissão de moedas e concomitantemente aumentava a circulação da moeda, que consequentemente alimentava uma grande inflação no território português; a estabilização formal do regime monetário só se estabilizou em 1931.

Com toda a documentação pronta, embarcou no navio General Osório no Porto rumo ao outro lado do Atlântico sem previsão de volta ao encontro de seu tio, termo que se referia ao ex-cunhado de sua tia. Desembarcou em Santos, após pouco mais de 20 dias de viagem, almoçou com seu tio e posteriormente seguiu para Bauru, onde ficaria menos de mês trabalhando com seu tio em uma fazenda de café.

Na fazenda onde seu tio trabalhava, foi o seu primeiro emprego no Brasil, ficou menos de um mês fazendo o tratamento da produção de café devido a relação ruim com seu tio. Exercia bastante esforço, entretanto, trabalhava sem receber, seu labor era pago com comida e moradia, possivelmente, esta situação contribuiu para abalar a convivência, contudo, o depoente não confirma os motivos das desavenças. Todavia, neste mesmo ambiente de trabalho, conheceu um amigo, amizade que foi muito proveitosa, tendo em vista que esse amigo foi a pessoa que o forneceu um endereço que serviu como uma segunda opção de trabalho, este endereço foi a informação que possibilitou o rompimento das relações do seu tio. Ao cometer tal ato, saiu da fazenda, recomeçando sua jornada, dessa vez sem nenhuma ajuda de um familiar, rumou ao novo destino apenas na confiança dos laços que fizera no Brasil.

Junto ao novo amigo, procurou emprego em Bauru, todavia, o trabalho mais próximo ficava por volta de 52 quilômetros de Bauru, na cidade de Marília e como não havia muitas opções, optou por seguir este rumo, laborando nas fazendas de arroz e café. Sua estadia nesta fazenda foi

19 Apesar de não ter havido conflitos no território português stricto-senso (houveram conflitos nas colônias portuguesas), Portugal teve direito a compensação pelas 8 mil mortes, e dos mais de 25 mil feridos, capturados e declarados desaparecidos. Cf. *Ibidem*. p.349.

20 Maria Eugénia Mata. *Op. Cit.* p. 198-199.

breve, ficou cerca de pouco mais de um mês, porque neste período decidiu tentar a vida em Santos, seguiu solitário para o novo destino, desta vez conseguiu um emprego no Empório Boqueirão, que se localizava na rua Oswaldo Cruz, apesar do novo emprego o pagamento eram como as serviços anteriores, trabalhava em troca de moradia e comida, não recebia pagamento em dinheiro.

A trajetória vista até então, é um bom exemplo da emigração portuguesa como carreira, situação em que a família prepara um membro para tentar ganhar a vida no Brasil, como uma escolha profissional²¹. Este tipo de imigrante era alfabetizado, provido de roupas e contatos estabelecidos previamente no país de destino, podendo ser familiares ou amigos²². No período de 1870-1914, este movimento se justificava pela possibilidade real de ascensão social, não com a certeza de um enriquecimento fácil no outro lado do atlântico, mas com as informações concretas de que no Brasil havia vantagens financeiras claras em relação aos trabalhos praticados nas aldeias ou até nas cidades²³. Por exemplo, estima-se que um pedreiro no Rio de Janeiro ganhava de 2 a 4 vezes mais que um pedreiro em Lisboa²⁴, por conseguinte, esta condição, aliada à estabilidade cambial e ao sistema financeiro internacional, se constituíam como o verdadeiro elemento dinâmico da imigração portuguesa no período, porque garantiam a comparação e a transferências de remessas de dinheiro²⁵.

A partir da década de 1920 a emigração para o Brasil volta a crescer depois de chegar a números muito baixos, por consequência da Primeira Guerra Mundial. Nesta década há uma novidade na emigração em relação as décadas anteriores, que é a perda progressiva das vantagens concretas de emigrar para o Brasil, os fatores que serviam como elemento dinâmico sofreram perturbações, houveram restrições cambiais, que se manifestavam no cenário onde imigrantes portugueses não conseguiam mandar dinheiro para Portugal, assim como imigrantes portugueses regressados a Portugal não conseguiam receber as rendas de seus negócios no Brasil; isto perturbou a relação nas duas comunidades, reduzindo os contatos, viagens e migrações. Por outro lado, a presença de uma comunidade portuguesa forte no Brasil continuava a garantir boas oportunidades de empregos, principalmente os imigrantes com vocação comercial e sólidos contatos.

Quando José Silveiras emigrou para o Brasil, ainda não era possível saber se tinha alguma vocação para o empreendimento, no entanto contava com os contatos para facilitar seu processo de imigração, que lhe forneceu uma carta de chamada e trabalho, em outras palavras, esse fenômeno se chama cadeias migratórias²⁶.

21 Joaquim da Costa Leite. “O Brasil e a emigração portuguesa (1855-1914)”. In: FAUSTO, Boris (Org.). *Fazer a América. A imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: EDUSP, 2000, p.193.

22 *Ibidem*, p.194.

23 Joaquim da Costa Leite. “Informação ou propaganda? Parentes, amigos e engajadores na emigração oitocentista”, em Nizza da Silva, Ioannis Baganha, Maria José Maranhão, e Míriam Halpern Pereira (orgs.), *Emigração/imigração em Portugal*. Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal (séculos XIX e XX), Lisboa, Fragmentos.

24 Joaquim da Costa Leite. “Mitos e realidades da emigração portuguesa (1851- 1973)”. In *Actas das V Jornadas de História Local*. Fafe: Câmara Municipal de Fafe. 2004.

25 Joaquim da Costa Leite. *LEITE. A emigração como vínculo transatlântico: Portugal e Brasil, 1850–2002*. (texto não publicado). 2003.

26 Cadeias migratórias é o movimento pelo qual migrantes futuros tomam conhecimento das oportunidades de trabalho existentes, recebem os meios para se deslocar e resolvem como se alojar e como se empregar inicialmente por meio de suas relações sociais primárias com emigrantes anteriores. Cf. Oswaldo Truzzi. *Redes em processos migra-*

No empório, ficou por anos, aprendeu o ofício de comerciante, foi funcionário até os 18 anos, quando sua sorte mudou, seus patrões se mudaram para São Paulo, deixando o empório para ele e outro funcionário, desta forma o ainda muito jovem José Silveses se tornou patrão no Brasil, tendo uma virada muito grande em sua vida. Ao mesmo tempo em que se tornou patrão desse empório, ele duplicou sua jornada de trabalho, conseguindo o cargo de gerente da rede Cibus, que era uma rede de mercadinhos. Posteriormente, com o acúmulo de capital que ele fez nessa dupla jornada de trabalho, surgiu a possibilidade de se tornar dono dessa rede, porque o antigo dono quis vender seu negócio, com a compra dessa rede, sua vida prosperou. A partir da rede Cibus, foi criada a Mercearia Carioca, maior orgulho do sr. José Silveses, que se localizava na rua Epitácio Pessoa em Santos.

A cidade de Santos era um local com forte presença imigrante, devido a sua importância como região produtora de café, durante o apogeu deste produto, Santos era conhecido como a “Montercalo do café”, contudo, a presença imigrante não se limitava ao trabalho com café, principalmente a presença imigrante portuguesa²⁷. A imigração portuguesa para Santos provinha majoritariamente das regiões do Minho, Trás-os-Montes e Beira Litoral, região Norte de Portugal, áreas rurais em que essas pessoas viviam em pequenas aldeias. Quando chegavam para se enraizar na cidade de Santos, havia a opção de rumar para o trabalho no campo, ou tentar a vida no comércio. Todavia, a maior parte dos imigrantes nessa região se encontravam no setor primário até a década de 1930, mas a partir da década de 1940, houve um decréscimo da presença imigrante portuguesa no setor primário, enquanto que há um crescimento do setor secundário e terciário. Para além das questões do trabalho, a imigração contribuiu com a vida cultural da cidade, imigrantes portugueses foram responsáveis por criar cinemas, teatros e clubes na cidade²⁸.

Durante a sua estadia no empório conheceu sua esposa, Brasinda Dias Silveses, igualmente portuguesa, nascida em uma aldeia próxima ao Porto, região do Norte de Portugal, aos três anos de idade emigrou para o Brasil, para se juntar ao pai, que se aventurou anteriormente. Enquanto trabalhava no empório, a família de Brasinda se mudou para a casa que ficava em frente ao comércio. Desta forma, houve uma aproximação com a família de sua futura esposa, à medida que ia entregar produtos na casa da família, alcançar a intimidade foi um caminho natural. Com a convivência, obteve o apoio da família de Brasinda, conseguindo namorar e casar com ela, mulher que o acompanhou de 1943 – ano que casaram – até o resto de sua vida, inclusive no momento de narrar sua biografia, já

tórios. Tempo soc., São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702008000100010&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Mar. 2022. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702008000100010>.

27 Anita Kurka; Iveline Ferraz; Juliana Anastácio. Região Central Histórica de Santos e o Território Usado: Síntese de Múltiplas Determinações. Revista de Cultura e Extensão USP, [S. l.], v. 10, p. 63-72, 2013. DOI: 10.11606/issn.2316-9060.v10i0p63-72. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rce/article/view/69051>. Acesso em: 03 Mar. 2022.

28 Um caso emblemático da participação portuguesa é o da família de Júlio Nelson Dias Marcelino, Oriundos de Coimbra, seu pai foi o criador do Edifício Independência, maior prédio da cidade no momento de construção (1948), neste prédio construíram um teatro e posteriormente um cinema, mesmo não gerando tanto lucro, mantiveram o teatro por serem amantes dessa arte. Cf. Depoimento de Júlio Nelson Dias Marcelino para Sônia Maria de Freitas. São Paulo. 2004. Acervo: Biblioteca online do Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

que ela é peça incomensurável em sua vida, esposa que o proporcionou a felicidade de ter três filhos.

Dentre as principais grupos étnicos-nacionais de imigrantes no Brasil, os portugueses eram o segundo maior grupo com casamentos endogâmicos de acordo com o censo do 1907 a 1916²⁹. Cerca de 51% dos homens portugueses casavam-se com mulheres portuguesas, salientando que havia menos mulheres portuguesas, a proporção era de 320 homens para 100 mulheres, se olharmos para as porcentagens femininas, é mais nítida essa tendência endogâmica da comunidade portuguesa no Brasil, cerca de 84% das mulheres portuguesas casavam-se com homens portugueses³⁰. Com o decorrer dos anos, a endogamia foi diminuindo, mesmo assim entre as nacionalidades europeias continuaram sendo uma exceção. Em São Paulo, no período de 1934-1946, 57% das mulheres portuguesas tinham como companheiros de vida homens portugueses, por outro lado 32% dos casamentos de homens portugueses eram com mulheres portuguesas, enquanto que espanhóis e italianos respectivamente tinham uma porcentagem de 20% e 18% de casamentos endogâmicos³¹.

Criada em 1952, a Mercearia Carioca se tornou um grande negócio, se tornando uma das maiores mercearias da cidade, vendendo bastante produtos importados de origem portuguesa e whiskeys de origem europeia, justamente por este motivo, seu estabelecimento era famoso entre os turistas e imigrantes, que procuravam seu estabelecimento para consumir algo que diminuísse um pouco das saudades que nutriam por suas terras natais.

Com a prosperidade, o Sr. José Bento Silveiras conseguiu condições financeiras para participar das associações étnicas da comunidade portuguesa, assim como as associações multiétnicas. Apesar de não frequentar todas, por ter conseguido sucesso financeiro, sentia-se na obrigação de participar todas que fossem possíveis, como o Centro Cultural Português, Atlético Santista, Regatas Santista, Clube de Regatas Vasco da Gama³², Caiçara, Santos Futebol Clube, dessas a associação que ele mais frequentava era o Clube Cultural Português, gostava dos bailinhos, dos jantares, frequentou o último da sua juventude até a velhice.

Na sua perspectiva, ser gentil era uma postura de um alto comerciante, portanto, tinha o dever de associar-se aos clubes da cidade, mas havia uma segregação por classe nas comunidades associativas de Santos, havia clubes da verdadeira elite, como o Sírio libanês ou o Clube XV, que ele não era associado, no entanto, nas associações menos elitizadas, sua filiação se fazia presente. Contudo, a classe também era um fator para se associar, José Silveiras narra, que os portugueses que participavam das associações eram os que tinham uma renda de média para cima, qualquer coisa abaixo disso, não havia como participar das associações da comunidade associativa do círculo do depoente.

29 Só ficando atrás dos japoneses. Cf. Hebert Klein. A integração social e económica dos imigrantes portugueses no Brasil nos finais do século XIX e no século XX. *Análise Social*, Lisboa, n. 2, v. 28, p. 235-265, 1993. Cf. *Ibidem*, p.251.

30 *Ibidem*. p.249

31 Em comparação com as mulheres italianas e espanhola há uma diferença considerável nos casamentos endogâmicos, enquanto 57% das mulheres portuguesas se casavam com homens portugueses, mulheres italianas e espanholas, tinham respectivamente 33% e 30 % dos casamentos endogâmicos. Cf. *Ibidem*. p.252

32 Vasco da Gama de Santos.

O Brasil abrigou diversas associações de imigrantes portugueses entre meados do século XIX e século XX, porém, essa não é uma tradição fundada neste recorte, existia associativismo desde o início da colonização portuguesa em terras brasileiras. Concomitantemente a chegada portuguesa em terras brasileira, vieram para as colônias associações de caráter religioso, mais especificamente associações católicas, que prestavam serviços de assistência social, médica e obviamente religioso³³.

Os portugueses assim como outros grupos étnicos, criaram associações étnicas, dos mais variados tipos –auxílio mútuo, beneficente, recreativa, culturais, políticas, religiosas e sindicais³⁴–; as associações no final do século XIX e início do XX, eram uma maneira de suprir a falta do Estado, os indivíduos procuravam se associar como um meio de conquistarem direitos. Nas associações étnicas, para além de uma possível luta por cidadania, há os fatores de sociabilidade e identidade. Os imigrantes ao adentrarem no novo destino deixam para trás laços com sua comunidade, todavia, as associações de imigrantes permitiam a construção de novos laços com pessoas de trajetórias comuns, vencendo uma possível solidão no novo país, mas não somente isto, permitia manter costumes que ajudavam a manter sua identidade étnica.

As associações étnicas dos portugueses podiam tanto ser de caráter restrito, como aberto a todas as nacionalidades, característica bastante comum nas diversas associações fundadas por portugueses, em comparação com outras nacionalidades, os portugueses eram bem mais abertos a presença de outros grupos étnicos, principalmente brasileiros, acreditamos que a abertura para brasileiros seja explicada pela proximidade cultural.

Os laços de José Silveiras com sua terra natal, ficaram mais presentes na identidade do que na sua prática, só viajou a Portugal para visitar temporariamente uma vez, não obstante, frequentava o Centro Cultural Português, indo aos jantares, aos bailinhos, também ia jogar carreado na praça com os amigos portugueses, se geograficamente estava longe de sua terra, os laços que construiu em terras brasileiras e os costumes que manteve ao formar sua família, o aproximou de seu país, orgulhando-se de ser um português trabalhador, que não renunciou sua identidade.

É interessante ressaltar que portugueses tinham fama de ser “gente de trabalho”, reconhecido até por grupos antilusitanos, em torno da imagem do português figurava uma ideologia do trabalho. Esta ética e disciplina não estava na essência portuguesa, foi construída no continente americano por particularidades específicas das vivências dos imigrantes. Também, não é possível fazer uma generalização completa acerca da adesão de todos os imigrantes portugueses na capital a ideologia do trabalho, a maior adesão ou não, variava de acordo com as categorias, no entanto, o depoente

33 Por associativismo entendemos a formação e funcionamento do que, em sociologia, é normalmente denominado associação voluntária, ou seja, um grupo formado por pessoas que se associam com base em um interesse comum e cuja participação não é obrigatória nem determinada por nascimento, e que existe independente do Estado. Além disso, trata-se de uma entidade organizada de indivíduos coligadas, entre si por um conjunto de regras reconhecidas e repartidas, que definem os fins, os poderes e os procedimentos dos participantes, com base em determinados modelos de comportamento oficialmente aprovados. Cf. Noberto Bobbio. et al. (Org.) Dicionário de política. Brasília: Editora UnB, 2007. 2v. p.69.

34 Para saber mais sobre os tipos de sociedades associativas. Cf, Vitor Manoel Marques da Fonseca. No gozo dos direitos civis: associativismo no Rio de Janeiro, 1903-1916. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional/Niterói: Muiiraquitã, 2008. P.88-90.

internaliza essa ética, e se orgulha de sua trajetória como homem de trabalho.

Considerações finais

O presente trabalho procurou a partir da trajetória do biografado, discutir elementos da imigração portuguesa que perpassou a sua vida, passou longe de nosso objetivo fazer uma “História da Imigração” em Santos, buscamos apenas inserir a trajetória no contexto imigratório, entendendo as subjetividades por trás do ato de emigrar no período referenciado. Este talvez seja o ponto alto de se trabalhar com biografias no estudo da imigração, ela permite adentrar no campo das subjetividades, que os números, os dados frios de entrada e saída de imigrantes não nos permitem ter acesso.

A partir da memória do depoente, foi possível discutir diversas questões relacionadas a imigração portuguesa, entender as motivações para emigrar, mostrando como o cenário do pós-guerra não demonstrava um futuro promissor em Portugal, os laços existentes entre os portugueses nos dois lados do atlântico que facilitava a vinda dos imigrantes, as relações complexas de trabalho existentes entre os imigrantes portugueses, os números relevantes de endogamia desses imigrantes, a participação nas associações étnicas e existência de uma ideologia do trabalho. Portanto, as fontes biográficas são de grandes potencialidades para o campo dos estudos migratórios.